

**“De chapa e cruz”, “paus rodados” aqui “tem de um tudo”:
Da movimentação de homossexuais ao movimento LGBT
de Cuiabá e do Mato Grosso**

Moisés Lopes
Departamento de Antropologia/UFMT

Jéssica Caroline Amaral da Silva
Discente Serviço Social/UFMT

Resumo: Na última década do século XX, emergiu no cenário acadêmico uma diversidade de pesquisas sobre o universo LGBT nas grandes capitais brasileiras. Discutiu-se a formação do movimento LGBT, a importância do “mercado GLS”, processos de territorialização nas cidades, a pluralização das identidades sexuais, de gênero, do “mercado” erótico e afetivo. O foco se manteve, durante alguns anos, nas megalópoles brasileiras, especialmente São Paulo e Rio de Janeiro. A partir dos primeiros anos do século XXI, e seguindo o impulso dado por pesquisas anteriores, ocorreu a “interiorização” dos “campos etnografados”, caracterizada pela inserção de capitais de menor porte e outras cidades no processo de “descoberta” do movimento LGBT. Este artigo pretende, partindo deste “impulso de interiorização”, trazer à tona a narrativa de integrantes do movimento LGBT de Cuiabá com o fim de reconstruir a história deste movimento nesta capital do interior do país e a influência da pluralização de identidades e marcadores sociais da diferença neste processo. Neste contexto, cumpre salientar a relevância desta pesquisa, ainda em desenvolvimento, que tem por objetivo romper o vácuo bibliográfico referente à realidade do movimento LGBT na cidade de Cuiabá.

Palavras-chave: palavra-chave; palavra-chave; palavra-chave

“De chapa e cruz”, “paus rodados” here “tem de um tudo”: From movement of homossexual to LGBT movement in Cuiabá and Mato Grosso

Abstract: In the last decade of the twentieth century, emerged in the academic setting a diversity of research on LGBT universe in large Brazilian cities. Discussed the formation of the LGBT movement, the importance of "GLS market", territorialization processes in cities, the pluralization of sexual identities, gender, the "market" erotic and emotional. The focus remained for some years in the Brazilian megalopolis, especially São Paulo and Rio de Janeiro. From the early years of this century, and following the impulse given by previous research, there was the "internalization" of "ethnographed fields", characterized by the insertion of smaller capital and other cities in the process of "discovery" of the LGBT movement. This article aims to build on this "internalization" bring out the narrative of members of LGBT movement in Cuiabá for reconstruct the history of this movement in this capital and the influence of pluralization of social identities and markers difference in this process. In this context, it should be noted the relevance of this research, still in development, which aims to break the vacuum literature related to the LGBT movement reality in the city of Cuiabá.

Keywords: LGBT Movements; Cuiabá; Mato Grosso; homossexual identity.

“De chapa e cruz”, “paus rodados” acá “tem de um tudo”: De la movimentación homossexual a el movimiento LGBT in Cuiabá y Mato Grosso

Resúmen: En la última década del siglo XX, surgió en el ámbito académico una diversidad de investigaciones sobre el universo LGBT en las grandes ciudades brasileñas. Discutido la formación del movimiento LGBT, la importancia de los procesos de desterritorialización "mercado" GLS en las ciudades, la pluralización de las identidades sexuales, de género, el "mercado" erótico y emocional. El foco se mantuvo durante algunos años en la megalópolis brasileña, especialmente Sao Paulo y Rio de Janeiro. Desde los primeros años de este siglo, y siguiendo el impulso dado por la investigación anterior, se observa la "internalización" de los "campos etnografados", que se caracteriza por la inserción de menores capitales y otras ciudades en el proceso de "descubrimiento" del movimiento LGBT. En este artículo se propone aprovechar esta "internalización", llevar a cabo las narrativas de los miembros del movimiento LGBT en Cuiabá con el fin de reconstruir la historia de este movimiento en esta capital y la influencia de la pluralización de las identidades sociales y marcadores diferencia en este proceso. En este contexto, cabe señalar la relevancia de esta investigación, aún en desarrollo, cuyo objetivo es romper el vacío literatura relacionada con la realidad movimiento LGBT en la ciudad de Cuiabá.

Palabras clave : Movimiento LGBT; Cuiabá; Mato Grosso; identidad homossexual.

Este texto tem como objetivo levantar algumas problematizações acerca do processo de construção histórica do movimento de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) na baixada cuiabana e seus reflexos no estado de Mato Grosso. É importante ressaltar que mais do que traçar todo histórico deste movimento este artigo pretende apresentar alguns dos principais momentos, fluxos e influxos que marcaram a discussão LGBT neste estado, em especial na capital. As reflexões desenvolvidas aqui resultam de uma pesquisa intitulada “Homossexualidades, preconceitos e discriminações: A construção social do gênero no universo LGBT da Grande Cuiabá”¹ que foi desenvolvida de 2011 a 2013 por mim, com o auxílio de alguns estudantes² que desde o início se interessaram por esta temática. É também resultado de dois projetos de extensão vinculados ao projeto de pesquisa, que buscavam dialogar com os ativistas LGBTs da Baixada Cuiabana com o intuito de reconstruir a história deste movimento social e de seus principais ativistas³. Desse modo, este texto vem aglutinar os principais dados recolhidos em pesquisas em jornais, sites da internet, monografias, entrevistas semi-estruturadas realizadas com ativistas dos movimentos LGBT e trabalho de campo etnográfico.

Preliminares teórico-conceituais. Ou, como meus olhos miraram

Ao nos depararmos com qualquer discussão pública que tenha como tema a questão da sexualidade e, em particular da homossexualidade, invariavelmente pode-se perceber inserido nela a presença de representações que suportam os discursos de religiosos, de ativistas e de políticos, suas respectivas visões de mundo e atitudes políticas no que tange aos direitos relegadas às sexualidades dos não heterossexuais. Imediatamente isso me remete a Foucault que em sua “História da sexualidade” (2001a,b) analisa como a partir da modernidade o sexo e a sexualidade passam a adquirir *status* de verdade sobre o sujeito. Segundo ele, é na época moderna que emerge uma verdadeira incitação política, econômica e técnica para se falar do sexo por intermédio do desenvolvimento de práticas de controle e regulamentação das atividades sexuais.

Colocando a sexualidade na ordem do discurso, as instituições tinham como interesse disciplinar os corpos dos indivíduos e suas práticas, direcionando-as para o engrandecimento do Estado. Assim, usando a confissão como aliada e instrumento de controle a humanidade moderna colocou-se sob o signo do sexo (Foucault, 2001a). Associada a esse dispositivo, emerge a identidade heterosse-

¹ Esta pesquisa foi financiada pelo Programa de Infra-estrutura para Jovens Pesquisadores (Programa Primeiros Projetos) Edital PPP 002/2012 desenvolvido pelo MCT/CNPq/FAPEMAT.

² No primeiro ano de desenvolvimento da pesquisa organizei um grupo com 10 estudantes de diversos cursos de graduação que tinham interesse nesta temática. Deste grupo inicial, três estudantes se tornaram Voluntários de Iniciação Científica (Josiane Ferreira – acadêmica do curso de Ciências Sociais; Jucilene de Oliveira Moura – acadêmica do curso de Filosofia; Henrique Araújo Aragusuku – acadêmico do curso de Psicologia). Ao final do período de voluntariado Henrique Araújo Aragusuku tornou-se bolsista do Programa de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Pesquisa Científica (PIBIC) e Jéssica Caroline Amaral da Silva.

³ Alguns dados também foram obtidos por meio de dois projetos de extensão “Reconstruindo a história do movimento LGBT na Baixada Cuiabana: Reivindicações, preconceitos, discriminações e violências” e “Reconstruindo a história do movimento LGBT na Baixada Cuiabana: Narrativas de ativistas e construção de subjetividades políticas”, respectivamente submetidos e aprovados com duas bolsas de extensão cada, para o edital PBEXT/AF 2014 e PBEXT/AF 2015 pela UFMT/PROCEV/CODEX. Os bolsistas foram Jéssica Caroline Amaral da Silva, Arilene Fonseca de Souza, em 2014; e, Jéssica Caroline Amaral da Silva e Henrique Araújo Aragusuku, em 2015.

xual que é tomada como norma, como sinônimo de normalidade e que deve ser longamente afirmada. De modo oposto, há a definição da existência de uma homossexualidade que é identificada com a doença e o desvio, uma patologia que deveria ser mantida em segredo para que os sujeitos não sofressem sanções. Desse modo, cria-se uma identidade que é proibida e ao mesmo tempo necessária para a existência da identidade hegemônica heterossexual, uma identidade sexual que nasce sob a marca do segredo (Simmel, 1999), do armário (Sedgwick, 2007), da discrição (Pecheny, 2005).

Partindo disso, inicia-se uma luta discursiva por parte dos homossexuais para mostrar a sua verdade a respeito da homossexualidade. E, essa luta política se dá através da construção de contra-discursos que vão fundamentar o surgimento do movimento homossexual no final do século XX. Assim, a “identidade” se torna o ponto central para a luta do movimento homossexual, uma identidade na qual a escolha por um objeto amoroso – no caso, alguém do mesmo sexo – é uma condição determinante para construção de uma “identidade sexual” e um sujeito específico.

Louro (2001a,b) afirma, no entanto que essa representação “positiva” da homossexualidade pelo discurso político, teórico e militante exerce igualmente efeito regulador e disciplinador, pois supõe o estabelecimento dos limites, das possibilidades e restrições de um sujeito. Contrapondo-se a essas restrições, Louro argumenta que essa preferência por um determinado objeto amoroso não é (deve ser) condição determinante para a identificação do sujeito com determinada identidade sexual. Mais que isso, ela defende a quebra dessa tradição de nossa sociedade que opera com o binarismo hetero/homossexual que está presente tanto nos discursos homofóbicos quanto nos favoráveis à homossexualidade. Afirmar a identidade seria demarcar e negar o seu oposto, a diferença.

Sustentar essa oposição nos leva a questionar o problema central da homossexualidade “*Quem sou eu? Qual o segredo do meu desejo?*”, e a pergunta deveria ser, de acordo com Foucault (2004: 68) “*Quais relações podem ser estabelecidas, inventadas, multiplicadas, moduladas através da homossexualidade?*”. Fica evidente aqui a ênfase do autor na construção de um modo de vida que vai além das questões sexuais ressaltando a condição de fluidez que uma identidade deveria assumir. Tal como ele, defendo esse caráter de fluidez da configuração da identidade me contrapondo a ideia da existência de uma essência que determinaria desejos, atos e prazeres. Nesse sentido, me aproximo também da análise de Butler (2003a) no que se refere a existência de um sujeito-em-processo construído pelo/no discurso e pelos atos que o performam. Desse modo, defendo a concepção de que a luta a partir de uma identidade LGBT se encontra baseada em uma “estratégia política” para alcançar determinado fim, no caso a busca pela igualdade a partir da definição de uma diferença.

No entanto, tal como vem apontando diversos autores (Trevisan, 1986; MacRae, 1990; Facchini, 2005) o movimento homossexual que nasceu no final dos anos 1970 do século XX, predominantemente formado por homens homossexuais e pautado principalmente na ideia da liberalização sexual e dos costumes que, implicava na existência de múltiplos parceiros sexuais e afetivos, com o passar dos anos passou a ancorar suas reivindicações na ideia de orientação sexual essencial. Assim, já nos primeiros anos de atuação, as lésbicas começaram a se afirmar como sujeitos políticos relativamente autônomos e com questões específicas que eram sufocadas dentro do movimento homossexual. Isso acabou gerando um forte conflito dentro das ONGs fundadas à época e desen-

volvendo o início de um processo de diversificação no interior do movimento homossexual. Fenômeno semelhante ocorreu nos meados dos anos 90 quando travestis e depois transexuais passaram a participar do movimento homossexual trazendo suas reivindicações. Já nos anos 2000 são os e as bissexuais que começam a se fazer visíveis e a cobrar o reconhecimento de suas identidades por parte do movimento.

Assim, como tem sido apontado pela bibliografia de referência no campo de estudos de gênero e sexualidade, a luta política do movimento homossexual, hoje nomeado como LGBT, sempre esteve fortemente estabelecida em torno da definição dos contornos deste sujeito: quem faz parte deste grupo, quem está nas fronteiras, quem está do lado de fora de suas reivindicações políticas. Para este trabalho, parto da concepção de que a identidade do sujeito deixa de ser vista como identidade sexual e passa a ser tomada como uma identidade-em-curso de um sujeito-em-processo. Assim, parto deste suposto e busco problematizar o processo de construção dos movimentos LGBTs da baixada cuiabana, levando em conta questões como a percepção da discriminação e da violência, a performance de gênero, as classes/camadas sociais e a geração/idade dos ativistas e como estes fatores influenciaram na construção da subjetividade dos ativistas, em sua militância e na construção do movimento LGBT de Cuiabá e de Mato Grosso.

É preciso destacar ainda que eu e minha equipe de pesquisa nos deparamos com a ausência de publicações referentes a história do movimento LGBT do estado de Mato Grosso, sendo que as principais questões abordadas pelas pesquisas publicadas concerniam a relação entre educação formal e informal e sexualidades. Este lapso bibliográfico, levou-me a mudar o foco da pesquisa, que antes era a construção da homo/transfobia na Baixada Cuiabana, para uma tentativa de reconstruir a história deste movimento local. Ressalto, no entanto, que me deparei com três trabalhos de conclusão de curso de graduação que envolvem a temática em foco Griggi (2010), Freire (2011) e Teixeira (2011); uma monografia de especialização Irineu (2008); e, a recente dissertação de mestrado de Freire (2014).

A primeira delas (Griggi, 2010) foi desenvolvida por um famoso empresário local – dono de uma casa noturna LGBT que encerrou suas atividades neste ano – apresentada para o curso de bacharelado em Comunicação Social da UFMT, intitulada “Breve história do Movimento Gay de Cuiabá – MT: Do bar de Artistas a Parada Gay” e toma como foco os espaços privados de sociabilidade LGBT que se constituíram na cidade desde 1995, com isso, o autor deixa de lado as questões que envolvem especificamente o movimento LGBT da Baixada Cuiabana. A pesquisa de Freire (2011) intitulada “Plumas, paetês e bandeiras (de luta): a trajetória irreverente LGBT na conquista e consolidação de sua cidadania”, desenvolvida para alcançar o título de Bacharel em Serviço Social pela UFMT, se vale da análise de dados levantados por meio de questionário no momento de realização da V Parada da Diversidade Sexual de Mato Grosso realizada em 2007 na cidade de Cuiabá e desenvolvida pelo Núcleo Interinstitucional de Estudos da Violência e Cidadania (NIEVCi). No mesmo ano e para concluir o bacharelado no mesmo curso, Teixeira (2011) desenvolve a análise dos dados de uma pesquisa desenvolvida no ano de 2009 entre as mulheres que participaram na VII Parada da Diversidade de Cuiabá (MT). Já Irineu (2008) desenvolveu uma pesquisa para conclusão do curso de Especialização em Políticas de Segurança Pública e Direitos Humanos nomeada “Narrativas da (in)diferença: Um

estudo sobre as políticas de Segurança Pública no combate a homofobia em Mato Grosso”. Nestas pesquisas supracitadas, há poucos dados referentes ao Movimento LGBT de Cuiabá e de Mato Grosso, a maioria destes foram obtidos de fontes secundárias como sites, páginas da internet, recortes de jornal. O trabalho de Irineu (2008), apesar de não ter como foco a história de atuação do Movimento LGBT, é o que apresenta uma maior quantidade de dados, sendo que estes inclusive foram levantados por meio de entrevistas semiestruturadas com ativistas. E, por fim, tenho de destacar também o recente trabalho de Freire (2014) intitulado “O Movimento LGBT em Mato Grosso: trajetória, agenda e estratégias na luta por direitos” uma dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Política Social da UFMT que conforme o título, tem foco na constituição da trajetória, agenda e estratégias de luta do movimento LGBT em Mato Grosso e se vale para tal de algumas entrevistas com ativistas.

No entanto, apesar de todos os trabalhos tangenciarem ou tratarem do tema do Movimento LGBT em Mato Grosso o acesso a estas obras é restrito em alguns casos ou mesmo indisponível na maioria deles sendo que efetivamente não há nada publicado e de acesso livre. Somado a isso, as informações na maioria destes trabalhos mantem menos o foco na história do movimento LGBT em si e mais em questões como espaços de sociabilidades, violências, conquistas de direitos, políticas de segurança e homofobia, agendas e estratégias de lutas do movimento. Assim, acreditava que uma história do movimento LGBT de Mato Grosso e de seus ativistas ainda estava por ser desenvolvida e este trabalho se propõem a ser o início do processo de reconstrução desta história.

Antecedentes do movimento LGBT no MT ou, pra onde “as bil⁴, as bolachas⁵ e as travas iam”

Antes de entrarmos na análise efetiva do tema do artigo, faz-se necessário uma rápida temporalização, pois, até 1995 não havia ocorrido na Baixada Cuiabana e no estado de Mato Grosso nenhum processo de institucionalização do movimento LGBT havendo nas cidades apenas algumas pessoas que desenvolviam atividades esporádicas e voltadas a defesa dos direitos dos “homossexuais⁶”. Assim, o ano de 1995 é um ano extremamente importante no que se refere ao movimento LGBT, pois neste ano iniciam-se as atividades do Grupo Livre-Mente que logo depois se tornou uma ONG e que tinha como objetivo central agregar as diferentes identidades e “lutar” para a “conscientização dos direitos humanos de gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros”. A fundação deste grupo pode ser efetivamente considerado um marco para o movimento LGBT do estado por algumas razões: em primeiro lugar, pela visibilidade que a criação de um grupo LGBT que depois se tornou uma ONG alcançou na época sendo motivo de manchetes e entrevistas em jornais locais; em segundo, pela constante atuação desta ONG junto a parlamentares, instituições e debates públicos desde o momento de sua criação até hoje; em terceiro, pelo seu papel na realização das Paradas da Diversidade Sexual na cidade e em todo o estado de Mato Grosso; em quarto, pelo fato de ter se tornado um “germe” que agregou as diferentes identi-

⁴ Bil, gíria do mundo gay para se referir aos gays, homossexuais masculinos.

⁵ Bolacha, gíria do mundo gay para se referir às lésbicas, homossexuais femininos.

⁶ De alguma maneira me inspiro aqui nas contribuições de diversos autores que vem discutindo, a temática da construção do movimento homossexual e a pluralização de identidades que redundaram na formação da “Sopa de Letrinhas” (Facchini, 2005); o papel de uma ONG (SOMOS) como germe da discussão dos direitos dos homossexuais no Brasil (MacRae, 1990).

dades LGBT, deu origem por meio de cisões a outras ONGs que se formaram na cidade; e por fim, pelo papel de formadora de ativistas e incentivadora na criação de outras ONGs dentro da cidade de Cuiabá e no estado como um todo.

Mas, se até 1995 não havia nenhum movimento LGBT organizado na cidade e no estado, o mesmo não se pode dizer da movimentação de pessoas “que não ousam dizer o nome de seu amor”. Como relataram diversos entrevistados até cerca de 1995 havia na cidade pouquíssimos espaços de sociabilidade criados tendo como foco o público LGBT e os bares e boates que eventualmente eram abertos acabavam sendo fechados pela polícia com pouco tempo de funcionamento ou eram obrigados a mudar de sede com grande regularidade. Além disso, não foram criados originariamente para esse público, mas eram “invadidos” por eles. Na década de 80 até 1995 podem ser destacados alguns espaços de frequência de gays e lésbicas, o Bar do Gringo, Bar Café *Jazz*, Bar/boate do Liu, Bar/Boate Balaio de Gato, Bar Alternativo, Boate Panteras, Jeje’s Dancing, Bar do Chico, Bar do Léo, Boate Dama de Paus, Boate Cocoricó, Boate Baratos e Afins, Boate Caras e Bocas, Bar da Gil, Espaço Cultural Galeria do Pádua, Boate Conection Mix, Boate Blue Sky e festas privadas que aconteciam com alguma regularidade. Já em 1995 a boate Zum Zum Disco Club de propriedade de Menotti Griggi abriu suas portas com o objetivo de atender um público LGBT que buscava um local específico de sociabilidade. A boate funcionou durante quase uma década e fechou suas portas abrindo espaço para a criação de duas outras casas noturnas o Espaço Furrundu que inicialmente atendia uma população majoritariamente formada por lésbicas e hoje conta com um público diverso e a Hot Spot que se pretende um local cosmopolita desde seu lançamento como nos relataram alguns entrevistados, mas que na prática veio preencher a lacuna desde o fechamento da Zum Zum.

Voltando aos anos 1980, tal como relata Griggi (2010) em sua monografia, os sujeitos não-heterossexuais se misturavam aos heterossexuais em diversos espaços de lazer e sociabilidade noturnos considerados “alternativos” por serem majoritariamente frequentados por artistas, intelectuais e transeuntes no centro da cidade; e, por serem espaços nos quais se buscava o exercício da liberdade de expressão e de orientação sexual. Entre estes locais se destacou como um dos primeiros o Bar do Gringo, que ficava localizado no Beco do Candeeiro no centro histórico de Cuiabá. Segundo relatos fornecidos a mim por alguns frequentadores do local, o dono ocupava a rua com as mesas e as cadeiras do bar, nas quais se realizavam, como reforça o trabalho de Griggi (*idem*, p. 13),

[...] muitas noites de música, boemia e intensos debates sobre a cultura cuiabana e para onde nós iríamos chegar com tantas ideias que fervilhavam na cabeça daqueles nos anos 80 se misturavam entre cigarros, o álcool e as drogas naquele velho e escondido pedaço da cultura cuiabana, o Bar do Gringo.

No entanto, apesar do Bar do Gringo ser uma referência na década de 80 para o público LGBT da cidade – que se apropriou do espaço não pensado originalmente para contemplar o público não-heterossexual – podemos voltar ainda mais, no final dos anos 1970, para perceber que Cuiabá, tal como relatado por diversas pessoas com quem conversamos no decorrer da pesquisa, sempre foi uma cidade muito receptiva e aberta as distintas expressões da sexualidade. No final da década de 1970 e decorrer da década seguinte a “Boate e Balneário Sa-

yonara”⁷ organizou a realização de diversas edições do Miss Mato Grosso Gay que chegou a contar em 1983 com cerca de 18 concorrentes de diversas cidades do estado.

Retornando ainda mais alguns anos, vemos se destacar a figura de José Jacinto Siqueira de Arruda, mais conhecido como Jeje de Oyá, colunista social de Cuiabá desde o final da década de 1960 que relatava os eventos dos grandes bailes e festas da capital, mesmo sendo proibido de frequentar algumas das pistas de dança, como do Clube Feminino porque era negro. Na posição de colunista social, iniciou sua carreira com o pseudônimo de Dino Danuza, com o intuito de se proteger, mas o uso de tal alcunha durou pouco tempo e depois de descoberto passou a utilizar o nome que o tornaria famoso na cidade, Jeje de Oyá. Filho de família pobre, nascido em Rosário Oeste – MT e adotado por uma rica família cuiabana, negro e homossexual assumido, este carnavalesco e colunista enfrentou muitos preconceitos, como ele mesmo relatou em uma entrevista realizada com ele por mim em 2013, mas acabou se tornando “aceito” e “respeitado” por conhecer os segredos e fofocas da burguesia local e não aceitando levar “desaforo para casa”. Com isso, passou a ser figura de destaque da “Sociedade Cuiabana”, ganhando inclusive o título de “Comendador do Comércio do Estado de Mato Grosso”. Em uma enquete realizada por um jornal local na década de 1990, foi intitulado como uma “personalidade com a cara de Cuiabá”.

As travestis, são um capítulo a parte neste cenário, visto que se os não-heterossexuais tinham algum tipo de acesso e visibilidade social na cidade, estas não tinham acesso fácil a estes locais de sociabilidade, uma vez que os proprietários não eram “simpáticos” e na maioria das vezes vedavam a entrada destas pessoas. Assim, as travestis nas décadas de 70 e 80, frequentavam a Praça 8 de abril, mais conhecida como Praça do Choppão, no bairro do Goiabeiras ao lado do Batalhão do Exército. Neste local faziam pista e se prostituíam. Com o passar dos anos, e muitas “batidas de polícia” elas e muitos gays e lésbicas que frequentavam a praça passaram a sofrer um processo sistemático de “expulsão” e migração para algumas ruas do centro da cidade de Cuiabá. Este processo de “higieneização” das áreas do centro culminou na década de 1990 com a migração das travestis para a região conhecida como “Zero Quilômetro” em Várzea Grande, próxima ao aeroporto onde se mantêm até hoje, apesar de terem sofrido pressão da PM e do Governo Estadual a partir de 2008, por meio de constantes batidas e detenções, para “paralisarem suas atividades” durante a realização da Copa de 2014 pois a região fica a meio caminho entre o aeroporto e a região hoteleira da cidade. Após muitas reuniões entre ONGs, representantes da PM e do Governo, estabeleceram um “Código de Ética e Comportamento” que deveria ser seguido por todas as travestis.

Longe de tentar esgotar a temática sobre a movimentação de LGBTs na cidade de Cuiabá, busco destacar alguns pontos de inflexão e apresentar um pouco do cenário cultural, social e político desta capital de estado. Além disso, mostrar como em algumas décadas ocorreu uma mudança deste cenário de relativa

⁷ Tal como apresentado no documentário “Sayonara” produzido em 2008 por alunos do Curso de Documentário da Universidade Federal de Mato Grosso, a boate e balneário Sayonara cujo proprietário era Nazi Bucair foi fundada em 07 de setembro de 1959 e fechou em 1991. A boate se tornou um espaço popular, democrático e extremamente relevante para o Mato Grosso e para o Centro-Oeste por ter quebrado diversos tabus da época em especial os do Clube Feminino e do Clube Dom Bosco como a frequência de homens, mulheres, negros, brancos, pobres e ricos em um mesmo espaço para diversão e sociabilidade. Recebeu em suas quase três décadas de funcionamento mais de 1000 artistas e cantores nacionais entre eles Roberto Carlos, Wanderléa, Ângela Maria, Cauby Peixoto, Martinho da Vila, Beth Carvalho, Waldick Soriano, Sérgio Reis, entre outros; recebeu também 4 presidentes da República e diversos ministros de estado.

tolerância e convivência em relação as distintas orientações sexuais e um agravamento da violência, do preconceito e da discriminação direcionada à este grupo tal como relataram diversos entrevistados e como mostram os últimos dados do 2º Relatório Sobre Violência Homofóbica (2012) da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR), o estado que ocupa a 2ª Posição no ranking nacional de índices de violações praticadas contra o público LGBT e Cuiabá, foi considerada junto com Manaus, a capital mais homofóbica do país segundo o Relatório Anual de Assassinatos de Homossexuais no Brasil (2013) produzido pelo Grupo Gay da Bahia (GGB) e, de acordo com os dados.

Para além das praças, bares e boates. O surgimento do movimento LGBT em Cuiabá

As discussões que deram início ao movimento LGBT organizado em Cuiabá nasceram, em diversos encontros ocorridos na Praça da República⁸, tratavam-se de encontros de caráter bastante informal nesse local que na década de 1990 era frequentado por muitos gays, lésbicas e travestis. Nas palavras de um entrevistado, *“cada um tinha o seu mundo”* e nesses lugares é que todos eles se encontravam, e nessas reuniões é que se começou a conversar sobre a ideia de se *“ter um espaço para conversas, sem a constante ameaça da chegada da polícia”*. Buscando esse espaço organizaram algumas reuniões em uma casa no centro de Cuiabá que basicamente tinham como foco conversas sobre assuntos variados entre os participantes. Esse espaço nos foi descrito como um local seguro, um espaço que nas palavras do entrevistado se *“podia conversar sobre problemas, sobre alegrias, sobre bofes e sobre tudo”*. Destas reuniões, surgiram várias ideias, entre elas a da criação de um grupo, *“deixando claro que inicialmente não se tinha como propósito ser um grupo com finalidade políticas”*. Estas conversas se mantiveram durante algum tempo, tendo como foco *“diversas coisas que o grupo não iria fazer”*, como *“levantar bandeiras”*, se envolver com política, basicamente o que estava em questão era a proibição ou vedação de uma visibilidade política do grupo, sendo que este se trataria mais de um espaço efetivo para serem discutidas as vivências e os problemas dos e das participantes.

Decorrente destas conversas e de uma viagem para Curitiba de um de nossos entrevistados e uma colega em 1995 para participar do evento de fundação da ABGLT – Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Travestis e Transexuais (na época só travestis) é que começa a amadurecer a ideia de criação de um grupo mais permanente com o intuito *“de reunir ‘pessoas homossexuais’ onde pudessem conversar trocar ideias, enfim, ser um espaço de convivência”*, mas também no qual pudessem se articular com o Poder Público *“com o objetivo prático de ter acesso a preservativos e a materiais informativos”*.

Desse modo, no mesmo ano, com a aprovação de um estatuto no dia 18 de março de 1995, é que se iniciam as atividades do Livre-Mente – Grupo de Conscientização em Direitos Humanos. A partir, deste momento, passam a ter uma sede pública, onde reuniam frequentemente todos os gays, as lésbicas e as travestis de Cuiabá e da região que os procurassem. Nestas reuniões regulares e semanais, havia sempre presente um número relativamente grande de pessoas

⁸ Praça da República, uma das mais antigas da cidade de Cuiabá. Ao seu redor estão localizados a Catedral Bom Jesus de Cuiabá, o Palácio da Instrução e o Museu Histórico.

tal como afirmaram alguns ativistas, sendo discutidos temas que envolviam a vivência dos e das participantes, o preconceito, a violência, e conversavam sobre a realidade das pessoas homossexuais de Cuiabá, realizavam também nesse espaço oficinas, assistiam filmes e faziam festas.

Com o passar do tempo o grupo Livre-Mente começou a atuar mais politicamente, dialogando com o governo, se apresentando, representando e afirmando-se publicamente como um grupo que existia e que era formado por pessoas homossexuais, pessoas essas que possuíam direitos. A mídia sempre procurava o grupo, mas um dos maiores problemas a época para os integrantes do grupo era justamente “o receio que muitos tinham de sofrer preconceito ao aparecer publicamente”, assim alguns integrantes passaram a se tornar “a cara” do movimento LGBT de Cuiabá e do Mato Grosso por sempre serem chamados e convocados pelos colegas a dar entrevistas.

Nesse meio tempo o Livre-Mente passou também a construir uma maior articulação com o movimento LGBT nacional, a dialogar com a ABGLT e a ser o ponto de referência desta no que tange ao contexto de Mato Grosso. Assim, passaram a fazer parte do “Projeto Somos”⁹ que estava voltado para pessoas que estavam se mobilizando para formar organizações de gays e outros HSH (homens que fazem sexo com outros homens), bem como organizações que já estavam se estruturando. O Somos tinha dois momentos principais: o primeiro, composto por treinamentos regionais periódicos promovidos por Centros de Capacitação e Assessoria (CCA), que são grupos de gays e outros HSH com capacidade técnica e infraestrutura necessária para repassar seus conhecimentos para os novos grupos; e o segundo momento, é constituído quando um técnico do CCA acompanha e assessora os novos grupos nas suas próprias cidades, dando suporte na implementação dos conteúdos dos treinamentos. E, muitos ativistas de seus quadros e do estado passaram por esses treinamentos por meio do “Somos”.

Após oito anos de funcionamento do Livre-Mente como o único na capital do estado, com a consolidação e o crescimento do número de ativistas dentro do grupo e com as demandas se multiplicando,

“começaram a vir os grupos sentindo necessidade de ter suas especificidades atendidas e passaram a ser criadas coordenações dentro da Livre-Mente. Por exemplo, as mulheres sentiram a necessidade de ter um grupo que pudesse discutir só a questão da mulher. Dessa forma, passaram a criar dentro do grupo Livre-Mente uma coordenação específica, era Livre-Mente coordenação de mulheres, que se reuniam em um dia da semana. Da mesma forma ocorreu com as travestis, depois vieram os gays negros que também quiseram um dia na semana. Enfim, o Livre-Mente atuou por muito tempo como esse espaço comum (misto)”.

Neste primeiro momento, segundo o ativista em questão se faziam presente em média cerca de quarenta, cinquenta jovens nas reuniões gerais e específicas das coordenações. Depois disso, de acordo com ele, chegou-se a um momento no qual os grupos precisavam criar vida própria, as mulheres criaram a Liblés, surgiu a Astramt, logo após veio a Gradelos e, a partir de então, cada um passou a fazer seu movimento. Mas, embora existissem vários grupos, eles possuíam “uma bandeira em comum, até porque todos são filiados a ABGLT e, nessa associação, todos tem uma mesma bandeira independente se é mulher, gay, travesti tem uma agenda em comum”.

⁹ Projeto que foi idealizado pela Associação para a Saúde e Cidadania Integral na América Latina e Caribe – ASICAL, foi realizado por meio de uma parceria entre a ABGLT e o Programa Nacional de DST e Aids do Ministério da Saúde do Brasil, e executado por organizações afiliadas e parceiras da ABGLT a partir de 1999.

Após a formação da Livre-Mente, emergiram outras ONGs na Baixada Cuiabana, quais sejam: ASTRAMT – Associação das Travestis de Mato Grosso (em Várzea Grande); LIBLES – Associação pela Liberdade Lésbica (Cuiabá); GRADELOS – Grupo de Afrodescendentes pela livre orientação sexual (Cuiabá); todos estes grupos surgiram como núcleos de discussão identitários dentro da ONG Livre-Mente e se instituíram como ONGs, respectivamente em 2003, 2004 e 2006. Além destas, outras organizações existem como o Grupo MESCLA/MT de Várzea Grande; o Grupo Vida Ativa em Rondonópolis (2000); o Grupo Novamente em Juína (2006); e a AGLBTT – Associação de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Simpatizantes em Cáceres (2009).

Apesar de ter havido uma diversificação das Ongs que tem como foco a questão da identidade sexual no cenário mato-grossense, em conversas realizadas por minha equipe com vários membros destas instituições fica patente em seus discursos a dificuldade de manter uma estrutura mínima em funcionamento por parte deste movimento, quase todos assinalam um cenário no qual há uma dificuldade de formação e renovação dos quadros das ONGs que se veem sempre “reféns” de um centralismo e de um personalismo marcado na figura fundadora dos grupos, a despeito da própria intenção destes ativistas. E isso, em alguns momentos levou a uma descontinuidade e encerramento¹⁰ das ações de quase todas as Ongs da Baixada Cuiabana. Fato este muitas vezes causados, conforme disseram, pela dificuldade de muitos dos jovens de assumir publicamente sua identidade em uma “*cidade do interior*”, pelas tensões e conflitos internos que levaram a segmentação dos grupos identitários, pelo desinteresse de pessoas mais jovens em participar de movimentos políticos, entre outros fatores.

O que este rápido percurso pela história de formação e diversificação dos grupos LGBT põe em evidência é a força do discurso identitário que fica marcado no processo de segmentação dos grupos dentro do movimento LGBT. Entre outras coisas, um processo semelhante ocorreu na formação do grupo SOMOS em São Paulo que inicialmente agregou sujeitos com “identidades sexuais minoritárias” sobre o rótulo guarda-chuva de homossexuais, entretanto, insatisfeitos com essa classificação, e sentindo a identidade específica sendo suprimida dentro do movimento homossexual nascente, acabaram criando grupos, baseados em identidades cada vez mais específicas. E, se antes, tal como aponta MacRae (1990, p. 40) “[...] o grupo Somos, como um todo, partia do princípio que a humanidade estaria dividida entre heterossexuais e homossexuais (e talvez alguns bissexuais). Essas categorias classificatórias seriam básicas à personalidade dos indivíduos e quase imutáveis”. Com o passar do tempo, dentro do movimento “homossexual” ocorreria o processo de segmentação do movimento e criação de outras ongs derivadas de “identidades” como as travestis, as lésbicas, os homossexuais afrodescendentes, os bissexuais, os transgêneros.

Apesar de contemporaneamente muitos grupos e autores em cenário mundial discutirem acerca do “ser” ou “estar” homossexual que, em última análise, é o pano de fundo dessa discussão. O movimento LGBT da Baixada Cuiabana ainda se mantém envolvido a uma afirmação essencialista acerca do “ser homossexual”, visto que se esbarram justamente com a questão, como estabelecer bandeiras de lutas se tudo é por vezes tão solto, livre de amarras? E, tal como aponta Heilborn (1996, p. 141), continua sendo um aspecto central na prática

¹⁰ É importante ressaltar que muitas destas ONGs já não se encontram em atuação por diversos problemas, no entanto, a Livre-Mente, a ASTRAMT e a LIBLES, seguem desenvolvendo seus trabalhos na Baixada Cuiabana.

dos movimentos as questões da identidade: “Estamos diante de um debate [que] recorta o politicamente correto para os grupos militantes e os que são chamados de alienados”. Trata-se de uma análise, ainda muito centrada na maneira como o senso comum vem percebendo e lidando com a construção da identidade, ressaltando um “modo naturalista”, partindo de uma origem comum, ou pelo compartilhamento de características ou ideais de grupos ou pessoas (Hall, 2006, p. 106).

Essa percepção desconsidera anos de pesquisas das áreas das humanidades e coloca em relevo a ideia de uma visão acabada/essencial da identidade. Evidentemente, desde o final da década de 1970 até a atualidade, muito sobre a visão que os/as homossexuais têm de si mesmos não é a mesma, o que implica no fato desta visão também não ser homogênea. A questão do “ser” ou “estar” homossexual também não é um ponto pacífico, assim como a utilização do termo “homossexual” como uma categoria guarda-chuva – para abarcar a diversidade das orientações sexuais – apresenta também um risco exagerado visto que muitos dos implicados (senão a maioria deles e delas) possuem profundas dificuldades em se considerarem como “homossexuais”.

Considerações Finais

Se o título do texto começou com uma “provocação” utilizando algumas expressões da expressão local cuiabana como “de chapa e cruz” que faz referência aos indivíduos nascidos na cidade de Cuiabá, “paus rodados” ou pessoas que apesar de terem nascido fora da cidade por aqui se fixaram, foi com o intuito de mostrar que no decorrer da pesquisa, que ainda se encontra em curso, tivemos acesso a narrativas biográficas de sujeitos que independente do local de nascimento tomaram Cuiabá como espaço de vivência de sua orientação sexual, construíram uma relação com a cidade, seus locais de sociabilidade e com os outros sujeitos que nela habitam a partir de um duplo enfoque a integração a um contexto local e seus grupos identitários, mas também a referência constante a contextos nacionais. Assim, surge uma questão extremamente interessante para pesquisas futuras: em que medida as cidades/estados de origem dos ativistas torna-se um elemento relevante para a o desenvolvimento do movimento LGBT de Mato Grosso?

Associada a essa questão emerge uma outra: em que medida o fortalecimento da onda migratória do estado de Mato Grosso, especialmente após a década de 1970-80 altera a percepção dos LGBTs por parte da população local? Essa pergunta surge após ouvirmos diversas falas de entrevistados que apresentam Mato Grosso nas décadas de 70 e 80, ou mesmo antes disso, como um local de enorme tolerância e integração da população LGBT em suas mais distintas esferas de sociabilidade. Essa imagem também é reforçada pela realização do Miss Mato Grosso Gay pelo mais importante clube da cidade já no final da década de 70 e início de 80 quando a cidade contava com uma população de cerca de 200 mil habitantes segundo o Censo Demográfico do IBGE; bem como, pela existência um colunista social como Jeje de Oyá de origem pobre, negro e homossexual assumido marcava presença nos grandes bailes, festas e círculos da sociedade cuiabana desde os finais da década de 1960.

Uma última questão relevante que emerge é: em que medida as novas gerações estão efetivamente implicadas com a questão da “política de identidades” do movimento LGBT tradicional? Nas falas dos entrevistados aparece reitera-

damente uma preocupação com a formação de novos ativistas e um esvaziamento do que durante muito tempo marcou o cenário de surgimento do movimento LGBT que estava centrado em uma política de “saída do armário”, de identidades construídas de modo relativamente estabilizadas, bem como, de construção de “espaços de sociabilidade e vivência” da sexualidade de modo seguro fora do âmbito doméstico. Em que medida as subjetividades hoje se enquadram neste modelo? Será que o surgimento de novas formas de organização das novas gerações não são um reflexo desta mudança?

Mas, isso não é tudo, há novas perguntas sobre o contexto de formação do movimento LGBT de Cuiabá e do Mato Grosso.

Referências

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Direitos Humanos. **Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil: ano de 2012**. Brasília: SEDH/PR, 2013.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Grall, 2001a, Vol.1.

_____. **História da sexualidade: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Grall, 2001b, Vol. 2.

_____. **História da sexualidade: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Grall, 2002, Vol. 3.

_____. “Da amizade como modo de vida (entrevista)”. In: Foucault, M. **Michel Foucault – Por Uma Vida Não-Facista**, 2004, pp. 68-105.

FRANÇA, Isadora Lins. “Sobre ‘guetos’ e ‘rótulos: tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo”. **Cadernos Pagu**, (28), janeiro-junho de 2007, p. 227-255.

_____. “Cada macaco no seu galho? Poder, identidade e segmentação de mercado no movimento homossexual”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 21, nº 60, fevereiro/2006.

FREIRE, Suzi Mayara da Costa. **Plumas, paetês e bandeiras (de luta): A trajetória irreverente LGBT na conquista e consolidação de sua cidadania**. Trabalho de Conclusão de Curso em Serviço Social, UFMT, 2011.

_____. **O Movimento LGBT em Mato Grosso: trajetória, agenda e estratégias na luta por direitos.** Dissertação de Mestrado em Política Social, UFMT, 2014.

GRIGGI, Menotti Reiners. **Breve História do movimento Gay de Cuiabá – MT. Do bar de artistas a Parada Gay.** Trabalho de Conclusão de Curso em Comunicação Social, UFMT, 2010.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HEILBORN, Maria Luiza. “Ser ou Estar Homossexual: dilemas de construção da identidade social” In: PARKER, Richard e BARBOSA, Regina. **Sexualidades Brasileiras.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996, p. 136-145.

IRINEU, Bruna Andrade. **Narrativas da (in)diferença: Um estudo sobre as políticas de segurança pública no combate a homofobia em Mato Grosso.** Monografia de Especialização em Segurança Pública e Direitos Humanos, UFMT, 2010.

LOURO, G. L. *Pedagogias da sexualidade.* In: LOURO, G. L. (org.). **O Corpo Educado: Pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001a, pp. 08-34.

_____. *Teoria Queer – Uma política pós-identitária para a educação.* **Estudos Feministas,** Florianópolis, ano 9, pp. 541-552, jul.-dez. de 2001b.

MACRAE, Edward. **A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura.** Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

PECHENY, M. “Identidades discretas”. In: ARFUCH, L. (org.). **Identidades, sujeitos y subjetividades.** Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005, pp. 131-153.

SANTOS, B.S. **Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade.** São Paulo: Cortez, 1995.

SEDGWICK, E. K. “A epistemologia do armário”. **Cadernos Pagu,** Campinas: Unicamp, n^o 28, 2007, pp. 19-54.

SIMMEL, G. “O Segredo.” **Política e Trabalho.** João Pessoa: PB, n^o 15, Set. 1999 In:
http://www.cchla.ufpb.br/politicaetrabalho/arquivos/artigo_ed_15/15-simmel.html.

TEIXEIRA, Francis Katyussia. **Um panorama da realidade das Lésbicas na 7ª Parada da Diversidade Sexual em Cuiabá-MT. De dores e de amores.** Trabalho de Conclusão de Curso em Serviço Social, UFMT, 2011.

TREVISAN, J. S. **Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade.** Rio de Janeiro: Record, 2004.